

**CONDICÕES**  
 Assignatura mensal nesta cidade. \$ 1,20  
 Número do dia. 0,10  
 alrezo. 0,30  
**PARA FORA**  
 Semestral. \$ 8,00  
 Anual. \$ 15,00  
 As assignaturas devem sempre concluir no fim de  
 Março, Junho, Setembro e Dezembro, podendo comen-  
 çar em qualquer dia.  
 A correspondência deve ser dirigida ao Director e  
 literalmente sellada sem o que não será retirada do  
 correio.

Pagamento adiantado

EMPRESA ARRENDADA

DIRECTOR: JOSE MARIANO PORTO

DIÁRIO DA MANHÃ

# A PATRIA

JORNAL BRAZILEIRO

ADMINISTRAÇÃO

RUA 25 DE MAIO, ESQ. CIUDADELA

Recebem-se annuncios e a publicão. Os arti-  
 gos de interesse geral serão publicados gra-  
 tuitamente.

REGENTE—ANTONIO OLIVEIRA

ASSINATURA PARA O BRASIL

Semestral (moeda papel). 10\$000

Anual. 30\$000

Pagamento adiantado

COLABORADOR  
ALFREDO BASTOS

A PATRIA

MONTEVIDEO, 9 DE NOVEMBRO 1887

Não se apresse, collega

A medida que vamos lendo um artigo que La  
 Razos do hontem publicou com editorial—Cues-  
 tões sanitarias—já também crescendo o nosso  
 entusiasmo.

E sempre para nós motivo de alegria o saber  
 mos que ha alguém que sendo escriptor publico  
 deixa de lado certas rivalidades creadas pelo  
 ntrato e pela inopia para fazer ainda que momen-  
 taneamente um aucto de contrição nos altares  
 da verdade.

Sendo proverbial, porém, o não haver bem  
 que sempre dura e nem tal que se não acabe,  
 succedeu não poderemos sustentar a nossa alegria  
 até o final da leitura.

Os últimos períodos do referido artigo do col-  
 lega destoam do plano lançado e bem desenvolvi-  
 do até mais de metade de seu editorial.

Era indispensavel, diz La Razos, entrar em  
 convenio com o Brazil, ligar nossos interesses  
 com os seus, para tê-lo como aliado antes que  
 como inimigo, ante a imminente probabilidade  
 de uma nova visita do cholera. Era necessario,  
 (ainda de La Razos) pstar com o Imperio me-  
 todica e precauções sanitarias e conceder-lhe to-  
 da a classe de garantias e segurancas contanto  
 que possamos conservar o mercado principal pa-  
 rano nosso producto, (principal) e de dos produ-  
 ctos em cuja fabricacão mais empenhados estão  
 os capitães da Republica.

A positiva declaração do que é impossivel a  
 existencia da industria pastoril do Estado Oriental  
 sem que os seus produtores tenham os mer-  
 cados do Brazil para consumo do producto, o  
 collega addiciona algumas palavras sobre as di-  
 ficultades do problema, o qual em seu conceito  
 parece ter a solução favoravel, devido aos es-  
 forços do Dr. Carlos Ramirez e sciencia do Sr.  
 Archela. Concordando com a primeira não  
 contestamos segunda proposição—A de ser a  
 sciencia do Sr. Archela—o primeiro elemen-  
 to da victoria da missão Ramirez. Não temos por  
 costume duvidar da sciencia de ninguém e nem  
 nos aventuramos a entrar em discussões sobre  
 um ramo da sciencia medica, da qual apenas sa-  
 bemos o que disse o mordomo do Luiz XIV saber  
 tudo a gente do mundo: *salvatore et aconito*  
*curam capitis et amonito aspirando faz expirar e*  
*alicia as dores de cabeça.*

Em quanto ao resultado da missão Dr. Ra-  
 mirez é para nós mais do que praxeavel—é certo  
 —ser elle satisfactorio para a Republica Oriental,  
 desde que o plenipotenciario uruguayo limite  
 suas aspirações à orbita traçada pelas convenien-  
 cias da sua patria, desprezando-se completamente  
 de planos assentados anteriormente e de des-  
 cato do direito ou despoja de terceiros. Reptemos o  
 que ha alguns dias dissemos: *multo tem alcan-  
 çado que alcançou alguma conta para si.*

La Razos se vai adiantando muito em elogios  
 titulos pomposos para o Sr. Archela: e é por  
 isso que julgamos de boa politica dizermos a  
 collega: *Não se apresse.*—Não ha nada de  
 positivo sobre o resultado da convenção sanitaria  
 reunida na capital do Brazil. O Sr. Archela  
 valia ainda não convenção a Academia de Medi-  
 cina o não poder-se desenvolver o virus colérico  
 e nem tão pouco cetera, na carne preparada; a  
 Academia da Medicina ainda não discutio a pro-  
 posição do Sr. Archela: logo, a convenção  
 sanitaria dependendo para solucionar o problema  
 de estudos de alto valor scientifico, não poderá  
 sem o seu trabalho, decidir a favor do Sr. Archela  
 e contra a opinião de alguns medicos do  
 Rio de Janeiro.

O telegrama dirigido ao Sr. Seré não serve  
 de base para previamente cantar La Razos a vi-  
 ctoria scientifica do Sr. Archela: porque, quan-  
 to esse telegrama apenas diz *confia*, e a accepção  
 do verbo constar é contrario a tudo quanto seja  
 affirmativo, positivo.

Derejamos muito que o encorajado scientifico  
 da Republica colla os louros a que tem feito jus  
 por sua pertinacia e boa vontade, e o desejamos  
 esse telegrama apenas diz *confia*, e a accepção  
 do verbo constar é contrario a tudo quanto seja  
 affirmativo, positivo.

FOLHETIM DA PATRIA

A AVÓ

EMILIO DE RICHELBOURG

PROLOGO

A maldição

III

empenhados por mim. Onde estão esses amigos,  
 esses protectores? A descepção da resposta, suc-  
 ceo-se a da seguinte. As suas bellas espi-  
 ranças que me tinha feito parillar, desvanecem-  
 ram-se como o fumo.

—Tinha-me dito também: sua tati fechada  
 os braços, a minha filha lhe abrirá os seus.

—Onde encontro, nos seus impulsos do coração  
 o testemunho de affeição ou simplesmente do  
 banal sympathy?

—Os seus parentes não perdoam a filha da rica  
 marquessa de Sauleu, o ter-lhe traido apenas  
 um miseravel dote. Li a hostilidade em todos os  
 rostos, baixara a cabeça das allusões offensivas,  
 a relucências insultantes.

—Ah! sei perfeitamente que elles queriam e  
 o senhor também: mas isso já lho disse, nunca  
 nunca!

—Pedia qualquer coisa a minha mãe, e! Re-  
 clamava-lhe o que dizem que é de devida, ata-  
 cala judicialmente! Mas preferia, para viver,  
 cavar a terra com as unhas, preferia ver morrer  
 minha filha de miséria e depois errar um pu-

radiz-lhe uma cousa — o Dr. Lacerda não é  
 o primeiro bacteriologista brasileiro e nem tão  
 pouco pôz elle em duvida a competencia scienti-  
 fica do Sr. Archela.

Não se apresse, collega

BRAZIL

Biographia de um sabio  
O PADRE SANTOS SARAIVA

Uma das figuras mais interessantes e origina-  
 es da litteratura contemporânea no Brazil o  
 Portugal é sem duvida o padre F. R. Santos Sa-  
 raiva, orientalista, exegeta, polyglotta e, ao mes-  
 mo tempo, espirito excentrico e indisciplinado,  
 embora orthodoxo.

O padre Saraiva nasceu no Douro, em Portu-  
 gal, e é filho de um rabbi hespanhol da Syria,  
 que se converteu e casou, entregando-se á vida  
 agricola. Da pa recebeu o conhecimento directo  
 das linguas semiticas, e, dotado de excepcional  
 memoria e comprehensão, nos estudos ecclesi-  
 asticos dedicou-se especialmente á linguistica e ao  
 exame dos textos sagrados. Além disso, cultivou  
 a poesia, em que manifestou veia abundante e  
 melodiosa. Em Londres, onde conviveu com os  
 mais celebres orientistas da época, dedicou-se  
 ao estudo do hebraico litteral nas synagogas, e  
 conseguiu adquirir conhecimentos excepcionaes  
 não só nas linguas mas, como tambem no sans-  
 crito, arabe, syriaco, latim, grego, e idiomas do  
 norte da Europa, que falam o chinez, que co-  
 nhece. Possui algumas tinturas do chinez, que  
 lhe permittem descrever os trezentos caracteres  
 radicados da lingua litteraria e classica. Não se  
 limitou ás linguas a sua ardente curiosidade, e  
 fez fructuosas excursões pela numismatica e  
 paleographia, sciencias em que praticamente in-  
 terpreta qualquer objecto.

Alguns annos depois, em 1861, soubeamos que  
 o padre Santos Saraiva era vigário encanecido  
 em S. Francisco, no Rio Grande do Sul. Da-  
 vado nesse tempo á mineralogia, colleccionava  
 pedras curiosas, investigava a botânica da Serra  
 dos Tapes, e compunha uma grande obra, repleta  
 do conhecimento admiravel, sobre as *origens*  
*do christianismo*. Se essa obra fosse publicada,  
 os trabalhos de Strauss, Renan, e outros excava-  
 dores da historia religiosa teriam recebido uma re-  
 futação esclarecida e energica. Era nesse tempo  
 o padre Saraiva contrario ao Concilio do Vati-  
 cano, e na obra indicava havia eruditas provas  
 da antiga constituição livre da Egreja.

Por esses annos da botânica naturalista, o pa-  
 dre Saraiva vestia-se como um campones, deixan-  
 do crescer a barba, andava quasi sempre a ca-  
 vallo, e com seu paletó escuro, botas de veado,  
 chapéo de couro e cigarro continuamente na  
 bocca, ninguém o tomava, certamente, por um  
 sabio, um homem quasi universal nos conheci-  
 mentos. Affectiva ignorancia, rudes fallas, mas  
 possuía um coração de pomba, sempre prompto  
 á caridade.

Nessa occasião as folhas de Porto Alegre oc-  
 cupavam-se do illustre e singular vigário, o a-  
 ellas enviou algumas poesias e escriptos em prosa  
 sobre litteratura. Um dia aborceceu-se da vida  
 do ermo: vendeu cavallos, tugario e singela mo-  
 bilia, e lá se foi caminho de Lisboa, com a sua  
 obra monumental deixada do braço.

Em Portugal, o padre Saraiva deixou-se im-  
 pressionar um pouco pelas idéas catholicas da  
 época. Por de ludo ou inutilizou a sua obra exegé-  
 tica, e principiou trabalhos philologicos. Na  
 Bibliotheca Nacional, onde se divertia a ouvir  
 os curiosos de livros e manuscritos orientaes,  
 sorprendendo-os ás vezes com suas reflecções e  
 interpretações profundas, deixando admirados os  
 homens mais lidos, que perguntavam quem era o  
 sabio desconhecido. O padre Saraiva não só co-  
 nhecia as linguas de que ha codices escriptos,  
 como é profundo no phénicio, lingua morta que  
 raros possuem e de que elle, com seu genio foli-  
 gante e satyrico, tem feito mais de uma vez uso,  
 para confundir os semi-sabios, rindo-se dos equi-  
 vocos em que os apanha. No curso superior de  
 letras, mais de uma vez, os primeiros homens de  
 Portugal prestaram homenagem ao esplendido  
 saber do padre obscuro, que lhes fazia ver as  
 questões sob pontos de vista inteiramente novos.  
 O padre Saraiva acredita pouco nos philologos  
 modernos, e nas theorias etymologicas dos sabios  
 allemães censura doutrinas arriscadas, que ape-  
 nas se baseiam em hypotheses. Hipp e Max Müller  
 já eram para elle em 1870 o que sciencia  
 última julgou em derradeira instancia.

De volta ao Brazil em 1871 e 1872 os jornaes  
 fallaram da sua extraordinaria individualidade e  
 saber. Sua Magestade o Imperador desceu co-

meo-el e interrogou-o sobre o hebraico, o para  
 esse fim o conviou a uma conferencia parti-  
 cular no paço de S. Christião. O padre Sa-  
 raiva foi ao convito da sobrecasaca preta, limpa  
 e aseado, mas sem se sujeitar á etiqueta; ia um  
 pouco prevenido contra as formalidades. Chegando  
 lá, o Imperador recebeu-o como um amigo;  
 fê-lo entrar para um gabinete, deu ordem do que  
 não fallava a ninguém, e fazendo o sentar de um  
 lado da pequena mesa, sentou-se do outro, e dis-  
 se-lhe:

—Agora, o senhor é o padre Saraiva, e eu sou  
 o D. Pedro; nada de formalidades; vamos con-  
 versar, e diga-me com franqueza o que pensa de  
 meus estudos.

O padre Saraiva entreteve-se com Sua Mage-  
 stade perto do duas horas: verificou que possuia  
 alguns conhecimentos reaes da litteratura hebraico-  
 litteraria, e explicou-lhe alguns pontos do synta-  
 xe e interpretação dos textos mais difficis dos  
 rabbinos. Explicaram-se, depois, em conversas  
 sobre as linguas vivas e mortas da Europa o  
 Asia, e o sabio modesto salia da conferencia  
 muito contente com o monarcha, do quem fez  
 sinceros elogios, sobre os modos lidos e varia-  
 da illustração. O Imperador disse depois a seus  
 intimos, que Saraiva era um dos homens mais  
 extraordinarios que tinha conhecido, sem excep-  
 tar os sabios mais celebres da Europa.

A fêção de A. Herculanu, do quem foi amigo e  
 com quem conviveu, deixando-lhe de seu trato o  
 saber maior impresso, o padre Santo Saraiva  
 vive nas pedras do interior de Santa Catharina,  
 com alguns rusticos compañheiros de trabalho,  
 cultivando a terra com as proprias mãos, inves-  
 tigando a natureza, e interrogando os seus in-  
 teriores nas horas da contemplação, em que as-  
 senta-se em uma pedra musgosa, tira o chapéo e  
 perde os olhos na contemplação da immensa abo-  
 tado.

(DIÁRIO DE NOTÍCIAS DO RIO DE JANEIRO).

Letras

Contos Idyllicos

OS TRES CAMINHOS

Tres raparigas, Rosa, Rosalia e Rosalina, en-  
 contraram-se, no paiz dos sonhos, em uma en-  
 cruilhada, que se bifurcava em tres caminhos.  
 A primeira d'estas raparigas tinha 15 annos, a  
 segunda 16, a terceira 17.

Tres viajantes e tres caminhos á escolha.  
 —E tu, Rosa?  
 —E tu, Rosalia?  
 —E tu, Rosalina?

Todas as tres tinham praticado n'esse dia a  
 loucura de abandonar a casa paterna, para  
 correrem em busca de aventuras.

Rosa era filha de um fidalgo.

Rosalia descendia de um abastado burguez.

Rosalina era filha de um taberneiro.

Jamalhando sosinhas e sem guia, não sabiam,  
 as loquinhadas, por qual dos caminhos deviam  
 optar.

Para onde se dirigiam ellas? Para a Felicidade.  
 Ah de nós! é no rosto da felicidade, que segue  
 de ludo o primeiro dia, a eterna caravana das il-  
 luses humanas!

As tres viajantes estiveram perplexas.  
 —E se nós fôssemos, lembrou Rosa, os letrei-  
 ros que estão escriptos n'aquellea taboleta?

—Lê-lo-hemos, disse Rosalia.

—Mas eu não sei ler, objectou Rosalina.

Na taboleta collocada no principio do caminho  
 mais largo, estavam escriptas as seguintes pala-  
 vras:

—Meninas de cabello de ouro, dignas de en-  
 ginar uma coroa, prefiram este caminho, se que-  
 rem gozar o orgulho triumphal de serem prince-  
 zas e rainhas!

Rosa acudiu:

—A minha escolha está feita. Adeus, pequeninas.

Na taboleta do segundo caminho lia-se:

—Donzelas que experimentarem o desejo de  
 conhecerem as ineffáveis delicias do amor, esco-  
 lhão este caminho.

Rosalia disse:

—A minha escolha está feita. Adeus, meninas.

Então Rosalina replicou:

—Visto que eu não sei ler, expliquem-me o  
 que se acha escripto na taboleta da estrada mais  
 estreita.

Nessa taboleta lia-se:

—Acredita-me, erraões que fôrdesseis! Pre-  
 fere este caminho! Não posso dizer-te onde elle  
 conduz; não te levará nem para a gloria, nem  
 para o amor, e, entretanto, é o melhor de todos.

semelhante ultrage! Juro-lhe que não ha de ficar  
 impune.

—Procurar, em vão, vingar-se; responde-  
 riam ás provocações, dizendo-lhe que era indigno  
 do cruceiro do ferro, com um homem de bem. Além  
 disso, a gente late-se com um adversario; mas  
 não com uma legião. Comtudo, agradeço-lhe esse  
 bom impulso.

—O senhor é valente, seria, sem empallidescer,  
 a ponta de uma espada ameaçar-lhe o peito; mais  
 é outra valentia, outra bravura, outra força, que  
 é preciso ter. Infelizmente, o senhor é d'aquelle,  
 a quem a fraqueza entrega, a todos os desregra-  
 mentos fustiga, daquelle, a quem falta a força  
 e a energia, para lutar contra as paixões e que  
 se tornam culpados de uma serie de pequenas co-  
 bardias, que conduzem fatalmente ás grandes in-  
 famias.

A estas palavras severas, pronunciadas fria-  
 mente, o visconde comprehendeu que sua ma-  
 lher, agora não acreditaria sendo em actos.

Levantou-se e paeceu lentamente, sombrio e  
 pensativo.

Nessa occasião a menina deixou ouvir um  
 grito.

—Ah! disse a mãe, o senhor faz-me esquecer  
 minha filha.

Gabriella correu para o berço, agarrou a crian-  
 ça nos braços e deu-lhe o seio.

O infeliz contemplava, com um enternecimen-  
 to não fingido, a innocente criatura, que sugara  
 avidamente o leite materno.

—Gabriella, disse elle, tem razão. Sou um  
 miseravel que merece todas as suas censuras.

—É preciso que haja, no nome de Merulle, que  
 apendeu a decavar, uma fatalidade, que a pre-  
 da a mim e paralyza as minhas melhores inten-  
 ções.

—Pois bem, volveu Rosalina, será caso que eu  
 escolherei! Boa viagem, minhas senhoras.

Antes de se separarem, as tres combinaram  
 encontrar-se de ludo a um anno, no mesmo dia, á  
 mesma hora, na encruzilhada, para ali referirem  
 suas aventuras e saberem qual fora a que melhor  
 escolhera.

III

Apenas deu os primeiros passos na gloriosa  
 estrada, Rosa viu encaminhar-se ao seu encon-  
 tro uma deslumbrante multidão de embaixado-  
 res e cortesões, que vestiam todos magnificos  
 fatos de cores vistosas, recamados de bordados a  
 ouro e conduziam urnas cheias de relucientes pe-  
 drarias. Os embaixadores seguidos dos camaris-  
 tas, vinham pedir para um illustre monarcha a  
 mão da vizinha Rosa. Rosa concedeu sem diffi-  
 culdade, a mão que tanto se empenhava em pe-  
 gar em um sceptro. N'esse mesmo noite, Rosa  
 fez a sua solenne entrada no palacio do maior  
 rei do mundo ao som das aclamações e das musi-  
 cas, que a festejavam. O rei possuía um sem nu-  
 mero de vassallos, um interminavel numero de  
 exercitos, uma profusão exuberante de thesou-  
 ros de glorias, e uma bella barba branca, que lhe  
 chegava á cintura.

IV

Na outra estrada Rosalia não encontrou ne-  
 nhum cortejo pomposo, mas em com pensação  
 viu um lenito rapaz de vinte annos, que se pro-  
 tecto nos seus pés, exclamando:

—Ah! como eu te amo e como sou feliz, pen-  
 dando colher nos teus labios a divina ambrosia  
 do beijo. Segue-me até a espessura mysteriosa  
 das florestas, vamos aventurar-nos na sombra  
 perfumada, dos salgueiros que soluçam como  
 regações ebnos de amor! Ou então, se acaso re-  
 ceias os perigos da solidão no bosque, conduze-  
 te-lhe a minha casa, no alto da collina, o chif-  
 longo do importunos, os nossos corações confan-  
 dire-se-ão no extasis de um olhar, profundo co-  
 mo uma eternidade!

Rosalia, ouvindo-o, disse, sem hesitar:

—Vamos!

V

Rosalina caminhava por espaço do muito tem-  
 po, seguindo pela estrada mais estreita, orlada  
 de espinheiros e pelagralhos. Ninguém lhe ap-  
 preceia, nem embaixadores que imploravam em nome  
 de seu illustre amor, nem mancebos que se abem-  
 por ende se vai para os bosques silenciosos, ou  
 para as decoretas thelaidas nupcias.

Anotice-o, e ainda a pobre rapariga não en-  
 contrara um fogueiro vivo. Toda a terra empallide-  
 cera, inundada pelo melancolico luar.

Então, fatigada, morta de fome e de sede, com  
 os pés feridos pelas pedras, Rosalina assentou-se  
 no chão: n'esse momento uma forma branca sur-  
 tiu por detrás de um salgueiro, e, cingida em  
 braços, nos braços esqueléticos e desarticulados,  
 e com uma bocca sem dentes que não se movia  
 fallou-lhe assim: «Ven, eu sou aquella que não  
 engana nunca! Sou a pacificadora e a constante  
 Sou a unica amante, ou o unico amante, condu-  
 zinte-lhe para um lenito frio, deliciosamente frio,  
 sem pedredos e sem acordar».

Rosalina disse: «Tenho medo!»

—Mas não luctes, e deixou-se arrastar pelos dois  
 braços esqueléticos e desarticulados.

VI

Decorrido o anno fixado, no mesmo dia e a  
 mesma hora, Rosa e Rosalia compareceram na  
 encruzilhada, onde se bifurcava os tres camin-  
 hos; quanto a Rosalina, tardava mais era de  
 supprir que não deixava de vir.

—Ah! exclamou Rosa, não são triumphos  
 gloriosos do futo rico e das festas sumptuosas  
 que constituem a felicidade. Acaba a gente por  
 enfastiar-se de ver tantos subditos obedientes e  
 tantos exercitos victoriosos; e o aspecto de um  
 espozamento deixado do doce, acariciado  
 com a sua virgim não tremula a sua augusta bar-  
 ba branca, não é de natureza a dissipar o nosso  
 aborrecimento.

Em seguida, Rosa chorou, reconhecendo que  
 não tomara pelo caminho que seria indispensa-  
 vel seguir para encontrar a felicidade.

—Ah! suspirou Rosalia, os mais apaixonados  
 não deixam de ser infelizes. Depois de ephemeras  
 alegrias, soffrem-se eternas dores: Os labios que  
 me sorriam todas as divinas esperanças, vemol-  
 tos, dias depois, contrahidos pela pallida e contra-  
 fecta mentira, sob a qual se occulta a traição; e  
 é horrivel esperar, á noite, durante as longas  
 horas da vigília, á luz da vela, tão lentamente e  
 tão rapidamente consumida, aquella que trará na  
 barba e no cabello, se por ventura recolher a casa,  
 o perfume de uma virgem.

Em seguida, Rosalia chorou, reconhecendo  
 que não tomara pelo caminho que seria indispen-  
 savel seguir para encontrar a felicidade. E

Ah! esse nome, esse nome, encadeia-me re-  
 cordações dolorosas, tão obsteaculos á minha tran-  
 sformação e é, por sua causa, que Gabriella me  
 julga incuravel.

Pois bem, pareceu-lhe que, se o abandonasse,  
 para tomar um outro, cumpria mais facilmente  
 os seus deveres, para com minha esposa e mi-  
 nha filha.

Gabriella ficou, por instantes, pensativa, re-  
 fleccendo.

Tambem, a ella, esse nome de Merulle, que li-  
 nha ouvido pronunciar com desprezo, se tinha  
 tornado odioso. Não havia nella como dizia o  
 marido uma fatalidade!

E não era essa fatalidade que se encarnicava  
 contra elle e lhe destruiu todas as esperanças?

—Então, disse esse nome, deixou-o, de-  
 seio, disse ella. E, tomando um outro, Deus  
 queria que possa acabar com os vicios que tem  
 maculado o seu passado.

Mas antes de tudo, é preciso que partamos  
 d'apil. Encontrar, neste lugar ainda tentações  
 a que não poderás resistir. Eu mesmo não quero  
 mais ficar exposta a corar, sob os olhos de  
 dezão de falsas piedades.

—Sim, Gabriella, partamos! partamos!

—Até he procurou em vão, uma occupação,  
 que nos teria assegurado o futuro e teria salvado  
 a si mesmo, pondo-o ao abrigo dos perigos da  
 ociosidade.

Hoje o trabalho é para nós, uma necessidade  
 immediata.

—É verdade.

—Então, escute-me, conheço a mulher de um  
 dos principais funcionarios da *Mesagerie*  
*Martinez* cuja tido é em Marsella. Por inter-  
 venção dessa senhora, obtive, segundo espero,

em quanto Rosa e Rosalia se lamentavam, Ro-  
 salina não apparecia.

Porque faltaria ella á promessa jurada? Quo-  
 obstaculo a deterla? De ludo n'esse leito muito  
 frio, deliciosamente frio, sem pedredos nem  
 accordar, que se chama o tumulo, Rosalina sen-  
 tira-se tão bem que não quiz levantar-se.

Catalina Mendes.

Exterior

Portugal e Hespanha

Logo desde a organização da monarchia, an-  
 damos malavindos com os nossos vizinhos, e ca-  
 agravos que se trearam entre os poros peninsu-  
 lares, e as ambições que aquellos pronunciam  
 contra a nossa independencia, levaram-nos a  
 manter uma politica ora de hospitalidade, ora de  
 isolamento e de conflancia.

A Inglaterra, assediada pela nossa riqueza co-  
 lonial, e impellida por circumstancias interna-  
 cionaes, impulsou-nos a manter esta politica,  
 da nossa parte irrevelitá, ha muito tempo, mas  
 sempre resultante de respeitaveis temores do  
 profundo patriotismo e amor á independencia.

Ainda que amparados por essa poderosa alia-  
 da, quando ella nos dominava de tal modo que







